

Projeto Krisis: tempos de COVID-19

Patricia Peterle

É depois do susto, do caos e ainda imersos nas diferentes crises provocadas que o coronavírus parece ameaçar um segundo tsunami – palavras recentes do presidente da Bélgica. Depois de um verão no hemisfério norte em que o “princípio reponsabilidade”, discutido pelo filósofo Sergio Givone na entrevista publicada nesta revista, parece ter ficado um pouco de lado, diante da ânsia angustiada por uma mínima retomada dos hábitos e de certa rotina, Espanha, França, Itália, Reino Unido, Portugal e Israel já tomaram ou estão tomando providências para frear uma segunda onda, que já começa a abalar algumas estruturas de saúde por lá. Por aqui, ainda estamos na contenção e vivendo as indiscutíveis e nefastas consequências.

Os vídeos do projeto Krisis: Tempos de COVID-19 reúnem uma série de relatos, entrevistas e textos literários que tratam do primeiro momento da pandemia, mas que ainda são muito atuais. A globalização permitiu, por um lado, que acompanhássemos em tempo real a evolução da situação; por outro, facilitou a veloz propagação de um vírus que não pediu licença, que parece não ter feito uma grande seleção e que continua à procura de um hospedeiro que possa abrigá-lo enquanto ele segue enfraquecendo seu organismo.

No quadro de um colapso em diferentes áreas, da economia à saúde e à esfera social, essa crise devastadora também nos colocou diante de uma urgência: repensar a relação com o outro. Ou melhor, trouxe para o centro da reflexão um aspecto fundamental que pode ser sintetizado na palavra contato. De fato, esse termo implica o reconhecimento da presença do outro, que é também portador da diferença, da diversidade. Foi preciso, sim, tomar determinadas providências e os devidos

cuidados, mas também chama a atenção a forma, muitas vezes brutal, como o outro foi tratado, como se lidou com a memória e os sentimentos. Como reagir, então, diante da lista quase infinita de medos que impregnou o cotidiano de vidas de norte a sul e de leste a oeste do planeta? O que essa sensação de ameaça contínua foi capaz de gerar? Perguntas para as quais não é possível ter uma resposta única, mas sabe-se – inclusive por experiências passadas – o quanto o humano é capaz de se tornar não-humano. É ingênuo pensar que o mundo possa se endireitar, diz, por exemplo, Fabio Franzin em *Mundo torto*.¹ Contudo, como já dizia Primo Levi em relação à Shoah, é preciso falar sobre essas experiências-limite. Como afirma o filósofo Massimo Cacciari na entrevista para *Krisis*, alguns processos que já estavam em curso foram ainda mais acelerados. Todas essas questões continuam em pauta, como também aquela do direito e liberdade de ir e vir, ou seja, até onde um estado democrático pode ir. Quais são seus limites?

Os 50 vídeos com a participação de poetas, escritores, poetas, pensadores, filósofos e historiadores tratam do impacto que a pandemia gerou, do silêncio que comportou, do embate com a responsabilidade pela vida do outro, da relação que é, enfim, estabelecida com os seres (animados ou não) que habitam o planeta. Em dezembro de 2020, com o apoio do Istituto Italiano di Cultura, foi publicado pela Rafael Copetti Editor o volume ilustrado que reúne todos esses textos e outros inéditos.

Todos os vídeos do projeto podem ser acessados pelo canal do YouTube do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana (NECLIT):
<https://www.youtube.com/c/NeclitEstudosContemporâneosLiteraturaItaliana/playlists>



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

¹ Esse poema de Fabio Franzin faz parte do volume *Vozes: cinco décadas de poesia italiana*, organizado por Patricia Peterle e Elena Santi, publicado em 2017 pela editora Comunità.